UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UnB
FACULDADE UnB DE PLANALTINA-FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO-LEDOC

APARECIDA SILVA DE ANDRADE

A OBRA "OS COMEDORES DE BATATA", DE VINCENT VAN GOGH, EM DIÁLOGO COM A REALIDADE SOCIOCULTURAL CAMPONESA DO NÚCLEO RURAL DO CAFÉ SEM TROCO/ PARANOÁ-DF

BRASÍLIA-DF
2026

APARECIDA SILVA DE ANDRADE

A OBRA “OS COMEDORES DE BATATA”, DE VINCENT VAN GOGH, EM DIÁLOGO COM A REALIDADE SOCIOCULTURAL CAMPONESA DO NÚCLEO RURAL DO CAFÉ SEM TROCO/ PARANOÁ-DF

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade UnB Planaltina, como requisito parcial para obtenção do título Licenciada em Educação do Campo, habilitação na área de Linguagens, Artes e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves

BRASÍLIA-DF

2026

APARECIDA SILVA DE ANDRADE

A OBRA "OS COMEDORES DE BATATA", DE VINCENT VAN GOGH, EM DIÁLOGO COM A REALIDADE SOCIOCULTURAL CAMPONESA DO NÚCLEO RURAL DO CAFÉ SEM TROCO/ PARANOÁ-DF

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves
Faculdade UnB Planaltina
Orientador

Profª. Dra. Juliana Rochet Wirth Chaibub Paulino
Faculdade UnB Planaltina
Examinadora Interna

Profª. Dra. Simone Menezes da Rosa
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
Examinadora Externa

Dedicatória

Quero dedicar esse trabalho a todos os camponeses, não somente os camponeses da região do Café Sem Troco, mas todos aqueles que vivem e sustentam suas famílias do plantio e da terra. Pessoas dedicadas e esforçadas, que acordam cedo, cuidam dos bichos que criam, que cuidam de suas lavouras, colhem seus frutos e alimentos. E usam suas colheitas não somente para a venda, mas também para seus consumos próprios.

Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente a Deus e segundo a todas aquelas pessoas que acreditaram em mim e me incentivaram a cursar a Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Universidade de Brasília. Minha tia Raimunda de Andrade que me apresentou o vestibular da LEdoC, minha outra irmã Sirlene de Andrade, meu tio Luiz de Andrade, minha sogra Maria de Lourdes, meu companheiro Diego Oliveira, meus Pastores Rodolfo e Francisca, minhas colegas de curso Adriane Paixão, Nelcina, Railda, Amanda, Andreza Brito, Olga e Silvana. Meu professor orientador Felipe Canova, as professoras Juliana Rochet e Simone Rosa que participaram da banca e os demais professores da LEdoC.

Principais frases que Vincent Van Gogh costumava usar[1]

"Os quadros mais bonitos são aqueles com que sonhamos quando fumamos cachimbo na cama, mas que jamais pintamos."

"São vastas extensões de trigo sob céus tempestuosos e não tive dificuldades para expressar a tristeza e a extrema solidão."

"Quando amamos sinceramente o que é realmente digno de amor, sem dispensar o amor entre as coisas insignificantes, nulas e enfadonhas, obtemos a nosso redor mais luz – e isso dá mais força."

"Tanto na vida como na pintura, posso muito bem ficar sem Deus; mas não posso, sem sofrer, ficar sem algo que é maior do que eu, que significa a minha vida inteira: a força de criar."

[1] Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/analise-de-obras/8551108>. Acesso em 14 de julho de 2026.

Resumo

Este trabalho busca apresentar a realidade sociocultural da comunidade do Café Sem Troco em diálogo com a obra “Os Comedores de Batata” (1885), de Vincent van Gogh. Trata-se de uma comunidade do Distrito Federal composta por famílias que sobrevivem do próprio plantio, da vida no campo e do trabalho na terra, consumindo aquilo que produzem e comercializando parte da produção como forma de sustento. O trabalho contextualiza a comunidade, sua produção agrícola e sua cultura, por meio de fontes documentais, revisão bibliográfica e entrevistas, bem como aborda a trajetória de vida do pintor Vincent van Gogh, desde sua infância até sua morte. Como síntese da pesquisa, a autora colocou em diálogo a obra “Os Comedores de Batata”, destacando os elementos sociais e culturais representados na pintura e suas relações com a realidade camponesa da comunidade do Café Sem Troco.

Palavras-chave: Café Sem Troco; realidade sociocultural; Vincent van Gogh; Os Comedores de Batata.

Abstract

This study aims to present the sociocultural reality of the Café Sem Troco community in dialogue with the work “The Potato Eaters” (1885) by Vincent van Gogh. The community, located in the Federal District, consists of families who subsist on their own crops, rural living, and working on the land; they consume what they produce and sell a portion of their harvest to make a living. The study contextualizes the community—its agricultural production and culture—using documentary sources, a literature review, and interviews, while also examining the life story of the painter Vincent van Gogh, from childhood to death. As a synthesis of the research, the author draws a parallel with the painting “The Potato Eaters”, highlighting the social and cultural elements depicted in the artwork and their connections to the peasant reality of the Café Sem Troco community.

Keywords: Café Sem Troco; sociocultural reality; Vincent van Gogh; The Potato Eaters.

Sumário

Introdução: a terra sobre a mesa…… 09
Minhas memórias…….. 13
Capítulo 1 – A vida em tons terrosos……. 16
Capítulo 2 – À luz do lampião……... 28
Considerações finais…….. 35
Referências……. 37

Introdução: a terra sobre a mesa

Esta pesquisa tem como tema o diálogo entre a obra “Os Comedores De Batata’’ (1885), de Vincent Van Gogh, e a realidade sociocultural camponesa do núcleo rural do Café Sem Troco - Paranoá-DF. Desta forma, partiu-se da obra “Os Comedores de Batata” (1885), de Vincent Van Gogh, em que o pintor holandês retrata uma cena cotidiana de camponeses segundo seu modo de viver: pessoas humildes em sua forma de se vestir e de sobreviver do plantio. Eles comem o que plantam e vendem sua produção para obter lucro e garantir o sustento de suas famílias.

Observando a obra, podemos notar a realidade retratada pelo pintor holandês sobre a vida no campo de muitas pessoas: indivíduos com expressões de cansaço, mãos calejadas, pele enrugada e queimada pelo calor do sol. A pintura também mostra trabalhadores que labutam de sol a sol todos os dias no plantio, preparando a terra com maquinários ou até mesmo com a força dos próprios braços, utilizando enxadas e outras ferramentas.

O objetivo geral da pesquisa é compreender a realidade sociocultural da comunidade rural Café Sem Troco - DF em diálogo com a obra "Os Comedores de Batata" (1885), de Vincent Van Gogh, refletindo como a representação visual do trabalho camponês pode contribuir para a problematização contemporânea da vida no campo e da agricultura familiar no território. Por sua vez, os objetivos específicos são: descrever aspectos da realidade sociocultural da comunidade Núcleo Rural Café Sem Troco – DF; apresentar aspectos da biografia do pintor holandês Vincent Van Gogh, que permitam compreender elementos de sua representação visual da realidade camponesa na obra em questão; dialogar comparativamente, em uma aproximação na medida do possível, as realidades camponesas observadas na obra de Vincent Van Gogh e na comunidade Café Sem Troco.

A motivação para realizar a pesquisa emerge das observações da autora sobre a realidade sociocultural da comunidade pesquisada, seu local de moradia, e o interesse nas obras do pintor holandês. A agricultura familiar é uma forma de sobrevivência presente há alguns anos na comunidade do Café Sem Troco. Anteriormente, muitas pessoas sobreviviam principalmente de empregos formais, atuando como caseiros de chácaras ou trabalhando em fábricas, frigoríficos e granjas de galinhas. No entanto, ao perceberem que a terra era fértil para o plantio e o cultivo, começaram a produzir alimentos e vender o que era cultivado.

Atualmente, existem mais de 20 famílias que vivem da agricultura familiar na comunidade do Café Sem Troco. Isso fez com que a região se tornasse bastante procurada como lugar de moradia por pessoas vindas da região Nordeste do país. Muitas delas chegam em busca de oportunidades de emprego e outras até compram um pequeno pedaço de terra para iniciar sua própria produção agrícola.

Trata-se de uma comunidade abordada em poucos estudos acadêmicos, embora localizada no Distrito Federal e próxima a locais de ampla circulação como o Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal (PAD-DF), polo agrícola vinculado ao agronegócio onde ocorre anualmente a AgroBrasília, que veremos adiante, dentre outros eventos.

A metodologia de pesquisa utiliza narrativas de moradores locais em diálogo com as informações documentais do Café sem Troco, obtidas por meio de revisão de referências bibliográficas, de fontes *online* e fontes documentais, como os Projetos Político-Pedagógicos de escolas da região. Esse procedimento de pesquisa também foi utilizado para contextualizar a obra de Vincent Van Gogh. Gil afirma que "a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (...) A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos." (2002, p. 3). Cabe ressaltar também que a redação deste TCC utilizou ferramentas de Inteligência Artificial, de forma restrita à correções ortográficas e gramaticais.

As narrativas que foram trazidas na pesquisa buscaram trazer vivências e reflexões de duas pessoas integrantes de minha família – tia e esposo –, sendo uma que residiu por alguns anos na comunidade do Café Sem Troco e outra que ainda reside na comunidade. Para realizar a entrevista com a minha tia utilizei um aplicativo de mensagens instantâneas e, após o envio das perguntas, ela respondeu de acordo com a sua realidade vivida na comunidade anos atrás. Já com o meu esposo, eu realizei a entrevista pessoalmente, perguntando e levando diretamente as respostas ao texto da monografia.

Os Comedores de Batata

Os Comedores de Batata, de Vincent van Gogh, foi uma obra-prima de 1885, concluída pelo pintor em Nuenen, que busca retratar tons escuros e o realismo brutal de uma família camponesa se alimentando à luz de um lampião.

O pintor quis retratar nessa obra a dignidade da vida rural, trazendo à tona as mãos calejadas que cultivaram a terra e colheram seus alimentos, sendo uma obra que exalta a honestidade do trabalho manual. São retratados cinco camponeses de uma mesma família reunidos em volta de uma mesa, com expressões de exaustão marcadas pela pobreza, porém com uma forte conexão familiar e com a terra.

Van Gogh utilizou tons terrosos — marrons, verdes e amarelos-escuros — e um claro-escuro intenso, usado para destacar os rostos e as mãos sob a luz do lampião. Essa obra foi pintada entre os meses de abril e maio do ano de 1885 e foi uma das pinturas em que o artista mais estudou intensamente a vida e a realidade dos trabalhadores camponeses. Atualmente, a versão principal está no Museu Van Gogh em Amsterdam.

No livro Cartas a Théo (2010, p. 158), o pintor Vincent van Gogh trouxe a ideia de que o camponês era tão importante para ele que seria uma boa ideia colocar um cercado de ouro em volta da obra, e que ela ficaria exaltante em uma parede com papel de tom aprofundado do trigo maduro.

O artista ainda traz sua opinião sobre a obra, dizendo que, para ele, ela é sim uma verdadeira pintura camponesa, pois mostra nitidamente a realidade de famílias do campo, tanto em suas expressões físicas quanto sociais: aparentemente cansados, com mãos desgastadas e calejadas, peles enrugadas e sofridas pelo sol ardente, vestes simples sem muito luxo e um ambiente humilde, sem muitas coisas dentro de casa. Ele ainda destaca que o espectador que quiser ver outro tipo de pintura camponesa deve passar longe dessa obra, pois, para ele, não existe camponês embelezado, e sim um camponês com expressões rústicas.

Seguindo o contexto do livro, Vincent Van Gogh fala com imensa paixão sobre o camponês retratado no quadro. Em sua opinião, uma camponesa é muito mais bonita do que uma dama da alta sociedade, mesmo vestida em simples trapos e até mesmo com saias remendadas. Da mesma forma, um camponês vestido com roupas simples seria mais belo do que senhores cheios de “fru-fru” aos domingos dentro de uma igreja.

Vincent ainda diz que uma pintura deve fazer com que, ao olharmos para ela, sintamos não apenas sentimentos, mas também um aroma semelhante ao que está sendo retratado. Como ele mesmo descreve: “Se uma pintura de camponeses cheira a toucinho, a comida, a batatas, perfeito!”. (Van Gogh, 2010, p. 160)

O artista também faz uma observação sobre os campos de trigo e de batatas possuírem um cheiro agradável de esterco, pois esse seria um adubo saudável ao seu ver. Ele ainda afirma que esse tipo de pintura é algo muito sério de se produzir, pois, para pessoas que pensam de forma séria sobre a arte e a vida, esse quadro traz profundas reflexões. O pintor diz o seguinte: “Penso frequentemente que os camponeses constituem um mundo à parte, em muitas coisas muito melhor que o mundo civilizado”.

No ano em que Os Comedores de Batata foi pintado, os camponeses e as pessoas simples que viviam do cultivo eram, de fato, marginalizados e esquecidos pela burguesia. Observando e tomando influência de Jean-François Millet, artista que também costumava retratar camponeses em suas obras, Vincent refletiu bastante e decidiu pintar “Os Comedores de Batata”. Para ele, essa era sua obra mais importante, porque buscava trazer à tona a realidade socioeconômica da vida daquela época, algo que também podemos observar atualmente.



Autor: Vincent Van Gogh
Data: 1885
Técnica: óleo sobre a tela
Dimensões: 82 x 114
Localização: Museu Van Gogh Amsterdã
https://www-vangoghstudio-com.translate.goog/the-potato-eaters-by-vincent-van-gogh/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=wa

Minhas memórias

Os meus pais, Antônio e Elicene, moram na comunidade do Café Sem Troco há muitos anos, desde que se casaram no Nordeste. Após se casarem, mudaram-se para essa comunidade. Na época, ela era pouco povoada e, ao longo dos anos, foi ficando cada vez maior e mais popular.

Meus pais foram caseiros de uma chácara cujo dono era um advogado, desde o ano de 1989. Eu não era nem nascida, mas minha mãe teve outros filhos antes de mim, sendo 2 gêmeos que não vingaram em seu útero, fazendo com que ela tivesse um aborto no terceiro mês de gestação. Um ano depois, teve uma menina que infelizmente faleceu com 7 anos de idade por ter nascido com uma síndrome muito rara, em que seus órgãos eram de adulto, causando um envelhecimento precoce.

Mesmo tendo minha irmã com problemas, após a morte dela minha mãe me adotou e, logo no mesmo ano, descobriu uma gravidez de outra menina, criando assim eu e ela, porém eu 1 ano mais velha. Quando minha irmã estava com 4 anos de idade, minha mãe engravidou novamente de um menino e, juntamente ao parto, já fez a laqueadura por haver risco de os próximos filhos virem com algum problema de saúde ou até mesmo ocorrerem abortos.

Ao longo dos anos, o advogado passou a chácara para os meus pais como acerto pelos anos trabalhados sem a carteira assinada. Nesse período em que meu pai ficou sem trabalhar de carteira assinada, trabalhou em granjas de galinhas e em frigoríficos bovinos. No ano de 2008, meu pai recebeu uma proposta de emprego em uma chácara ao lado para ser caseiro também, juntamente com a minha mãe. Ele aceitou essa proposta e está até os dias de hoje.

Eu terminei meus estudos no ano de 2016 e, no ano de 2018, entrei na UnB. Porém, desde o ano de 2010 eu não moro mais com meus pais, e sim morava com minha avó paterna. Minha irmã não terminou os estudos juntamente comigo porque engravidou cedo e largou a

escola, fazendo assim ela terminar os estudos uns 3 anos após o nascimento da sua filha. Meu irmão terminou os estudos no ano de 2022.

Atualmente, meu irmão e minha irmã moram junto com meus pais e ajudam nos cuidados da chácara em que são caseiros. Minha irmã é casada e tem uma menininha com 7 anos de idade, e está gestante de outra menininha. Meu irmão só trabalha e ajuda meu pai e minha mãe na chácara.

Eu estou casada há 9 anos com o pai dos meus dois filhos, sendo uma menina de 5 anos de idade e um menino com 11 meses de vida. Terminei meus estudos no final do ano de 2016 no Centro Educacional do PAD-DF. Fiz minha formatura ao lado da escola, sendo uma cerimônia muito bonita. Ainda em 2016, no finalzinho do ano, fiz alguns vestibulares, porém não obtive o sucesso desejado. Fiz uma prova da UDF para ingressar no Curso de Educação Física e outra para ingressar na área de Pedagogia. Porém, minha nota só foi boa para o Curso de Educação Física, com uma bolsa de 50%, mas, como eu não tinha uma renda muito boa e a minha mãe também não, acabei desistindo do curso.

Fiz algumas entrevistas de emprego para poder ter um trabalho formal e conseguir pagar alguma faculdade particular, mas, por não ter experiência comprovada em carteira de trabalho, também não obtive sucesso. Minha mãe, Elicene, e minha tia Raimunda estudavam à noite na escola da comunidade, a Escola Classe Café Sem Troco, na turma da professora Tânia. Um certo dia, eu decidi ir com minha mãe para ajudar alguns alunos da EJA da sala de aula dela, na turma da Tânia, e, nesse exato dia, a professora apresentou para a turma o curso da LEdoC, explicou sobre a prova e como era o curso. Explicou também sobre a prova do ENCCEJA para alguns alunos que tinham interesse em terminar logo os estudos e poder apresentar para alguns familiares que tivessem interesse em terminar os estudos, assim como a faculdade.

Eu me interessei pelo vestibular da LEdoC e pedi para a minha tia Sirlene de Andrade me matricular. A minha tia Raimunda também me falou sobre esse vestibular uns dias antes, mas eu não tinha entendido muito. Porém, após a explicação da professora Tânia, eu fiquei bem interessada e decidi me inscrever. Outro dia, fui novamente na escola com minha mãe e pedi à professora Tânia se ela tinha alguns livros para que eu pudesse estudar melhor para o vestibular. Ela disse que teria, mas traria depois para mim e deixaria para a minha mãe me entregar. Após pegar os livros que a professora me doou, eu comecei a estudar e fiz o vestibular da UPIS e o vestibular da LEdoC/UnB. Após os resultados, fiquei muito feliz em ter passado

no vestibular da LEdoC. No da UPIS, não obtive um grande resultado para a bolsa de 100%, por ser um curso bem competitivo e ter apenas uma vaga para bolsa de 100% no curso.

Ingressei no curso no ano de 2018, no primeiro semestre, sendo a turma 12 – Marielle Franco da LEdoC. Iniciamos com uma turma bem cheia, com mais de 70 alunos, alguns alunos do DF e a grande maioria de Goiás. Quando retornei da primeira etapa do curso, por ser um curso em alternância, no meu Tempo Comunidade eu fui até a escola para ver a professora Tânia e falei a ela que passei no vestibular e agradeci imensamente pelos livros que ela me doou para poder estudar. Ela ficou tão feliz que deu um grito "kkkk", meio engraçado, mas satisfatório ver a alegria de um professor que olha para a comunidade em que trabalha e tenta ajudar os alunos a serem alguém melhor de alguma forma.

Capítulo 1 – A vida em tons terrosos

A paleta de tons terrosos que Vincent Van Gogh explorou em sua pintura, coloca próximos os tons de marrom, verde, ocre e amarelo-claro. Tons que instigam a imaginação de quem aprecia obras como “Os Comedores de Batata” (1885), gerando identificação e empatia com as(os) camponesas(es) presentes na pintura. Para quem vive no campo, pode-se dizer que esta identificação com a pintura se amplia ainda mais, podendo partir para uma busca entre os diálogos com sua comunidade e com o que a obra traz como possibilidades de interpretação. É com essa perspectiva que apresenta-se neste capítulo o contexto da Comunidade Café Sem Troco, com base em fontes documentais, revisão bibliográfica e em memórias da autora e de seus familiares.

A comunidade do Café Sem Troco fica cerca de 50 quilômetros do centro de Brasília e pertence à região administrativa do Paranoá. Segundo a administração, os primeiros moradores se instalaram lá entre 1975 e 1976. Atualmente, são cerca de 20 mil habitantes residentes nessa região.



Imagem do mapa onde se localiza a região do Café Sem Troco no Distrito Federal

Fonte: www.maps.google.com

O nome dessa comunidade surgiu graças a um antigo barzinho de madeirite que funcionava no entroncamento entre a DF-130 e a BR-251, uma área bastante movimentada por caminhoneiros e viajantes que passavam pelo local. O antigo proprietário se chamava Ananias Neres Trindade, conhecido como “Barbudo”. Não se sabe ao certo o ano em que esse comércio foi aberto, porém, de acordo com o Departamento de Estradas de Rodagem do Distrito Federal, passavam por ali cerca de três mil veículos diariamente.

Com esse fator positivo, “Barbudo” decidiu que aquele local seria um ponto ideal para montar uma budega, um comércio voltado especialmente para caminhoneiros. Porém, naquela época, algo não favorecia os comerciantes locais, pois a moeda da época era o cruzeiro, que havia perdido valor com a chegada de cédulas mais altas. Além disso, os caminhoneiros e viajantes passavam por ali sempre com muito dinheiro em notas de alto valor, o que dificultava bastante o troco do cafezinho.

Apesar disso, “Barbudo” não se negava a vender aos viajantes e sempre servia um cafezinho. Com alguns clientes, ele até fez um acordo: deixavam anotado em um caderninho o valor que deveria devolver de troco e, caso os viajantes não quisessem o restante em dinheiro, poderiam pegar alguma mercadoria equivalente quando voltassem pelo trajeto após as entregas de suas cargas.

Ao longo do tempo, com o crescimento da região e da concorrência comercial, “Barbudo” infelizmente abandonou o negócio. Continuou morando na região, porém não quis mais saber de tocar o barzinho. Algum tempo após o abandono do estabelecimento de madeirite, um homem comprou um terreno bem próximo ao entroncamento das rodovias, montou um restaurante e deu ao estabelecimento o nome de “Café Sem Troco”, restaurante que existe até os dias de hoje.

Antigamente, essa comunidade era apenas uma única fazenda, que recebia o nome de “Fazenda Santo Antônio”. Com a chegada de novas pessoas na região, o local foi se popularizando aos poucos, deixando de ser apenas uma fazenda para se tornar uma comunidade diversificada. Atualmente, vivem nessa região pessoas vindas de várias partes do Brasil, principalmente do Nordeste. São pessoas em busca de uma vida melhor para si e para suas famílias. Hoje já podemos notar na região vários comércios, tais como farmácias, mercados, padarias, postos de saúde, lojas de materiais de construção e, principalmente, fábricas que oferecem valorização da mão de obra e oportunidades de emprego para algumas pessoas.

Embora a maioria da população sobreviva da vida no campo, com plantações de verduras e hortaliças, essas famílias não apenas vendem o que cultivam, mas também se alimentam de suas produções e sustentam seus familiares (Bílio, 2020). Na região do Café Sem Troco, o principal meio de sobrevivência das famílias atuais é o cultivo em suas terras. Muitas famílias plantam em suas roças e, além de tirarem seus sustentos, dão oportunidade de emprego para pais de família e mulheres da região. Geralmente, o que mais se planta nessa região é pepino, tomate e mandioca. Por serem plantações grandes, os donos das roças costumam buscar mão de obra de algum vizinho ou parente próximo até o fim da colheita. Quando acaba a colheita, costuma-se dispensar funcionários e ficar com alguns, funcionários esses que vão preparar a terra e plantar novamente algum tipo de verdura, seja tomate, mandioca ou até mesmo pepino.

A maioria desses produtores rurais vende suas verduras na CEASA (Central de Abastecimento do Distrito Federal), localizada no SIA, Trecho 10, Brasília-DF, e vende também nos mercados que existem na comunidade, nas cozinhas das fábricas existentes na região (NJF-Kikaldo e Alipan), nos restaurantes e na feirinha todos os domingos. Como foi falado acima, a região do Café Sem Troco era uma grande fazenda chamada de "Fazenda Santo Antônio" e, ao longo dos anos e do povoamento de pessoas vindas de várias regiões do Brasil, principalmente do Nordeste, essa fazenda foi se dividindo em lotes, alguns em grandes escalas, que são esses que servem para o plantio, e outros apenas para se ter uma moradia com suas famílias.

A região é, desde sempre, uma região de Cerrado, onde se encontram diversas espécies de árvores de suma importância. Sabe-se disso baseando-se no conhecimento que se tem sobre a vegetação do Distrito Federal. No Distrito Federal, o bioma Cerrado está completamente inserido, ou seja, é conhecido como o maior bioma da América do Sul, ocupando mais de 200 milhões de hectares[2].

Na Escola Classe Café Sem Troco, escola da comunidade e uma das referências de escola do campo no Distrito Federal, existe uma reserva ambiental que é composta por uma boa parte de Cerrado e a outra parte por uma mata ciliar (formação vegetal nas margens dos rios, córregos, lagos, nascentes e outros, mesmo que temporários). Ou seja, está envolvida por uma pequena nascente do rio São Bartolomeu. Infelizmente, é uma reserva ameaçada devido

[2] De acordo com <https://atlas.ipe.df.gov.br/?p=1704>. Acesso em 09 de julho de 2026.

ao avanço de ocupações irregulares de alguns proprietários que residem próximo a essa nascente, fazendo com que desmatem para poder usufruir da terra com o plantio[3].

Partindo do contexto social, o Café Sem Troco é uma comunidade muito carente de recursos econômicos, ou seja, podemos notar uma grande vulnerabilidade social, que vai impactar o desenvolvimento como um todo.

> Esta área apresenta diversas vulnerabilidades sociais que impactam seu desenvolvimento, como saneamento básico, segurança pública, lazer e comércios em geral, o que força sua população a se deslocar frequentemente a cidades circunvizinhas (Marajó, Alphavile, São Sebastião, Paranoá e Planaltina) para suprirem tais necessidades. A comunidade é majoritariamente formada por produtores rurais, chacareiros e pequenos comerciantes. Embora pequeno, o núcleo rural Café sem Troco por se localizar numa importante rodovia, tem uma economia bem diversificada com a presença de empresas de grande porte como a **Kicaldo** e um setor terciário bem desenvolvido. (Distrito Federal, 2023, p. 13. Grifo dos autores.)

Ainda sobre contexto social local, ao decorrer dos anos de 2014, 2016 e 2018, várias regiões do país foram recebendo refugiados indígenas Warao, povos esses que vieram da Venezuela após a grande crise pela qual esse país enfrentou e vem enfrentando nos últimos anos. Atualmente, o grupo Warao se instalou na comunidade do Café Sem Troco e, observando as grandes dificuldades sociais dessas pessoas, a Escola Classe Café Sem Troco tenta, de todas as formas, acolher as crianças e adolescentes. De acordo com o PPP da escola, é relatado que muitas crianças e adolescentes não sabem ler e escrever corretamente em português, tendo muita dificuldade na adaptação. Pensando nelas, foram improvisadas salas de aula para todos e um ensino mais aperfeiçoado para tentar resgatar o que foi perdido ao longo desse atraso nos estudos. O PPP da escola também vem retratar a vida social dos pais desses alunos, pessoas em extrema pobreza, tentando uma adaptação na região de forma que possam levar o sustento para suas famílias de alguma maneira (Distrito Federal, 2023).

[3] De acordo com <https://www.educacao.df.gov.br/documents/d/seedf/ppp_ec_cafe_sem_troco_paranoa-2-pdf-1>. Acesso em 10 de julho de 2026.



Imagem da rotatória que fica no centro da comunidade do Café Sem Troco

https://www.instagram.com/cafesemtrocodf_leofreire/



Imagem do Restaurante que recebeu o nome da comunidade, e que está localizado no entroncamento onde era localizado o barzinho de madeirite

https://www.tripadvisor.com.br/Restaurant_Review-g303322-d7872957-Reviews-Lanchonete_Cafe_Sem_Troco-Brasilia_Federal_District.html

 Imagem de plantação de pepino

https://adoroplantas.com.br/pepinos-cultivar-semear-plantar/



Imagem de plantação de tomate

https://revistacoopercitrus.com.br/tecnologia-e-cuidados-garantem-boa-produtividade-no-cultivo-do-tomate/

Falando em cultura, a região do Café Sem Troco tem uma cultura voltada para as folias do Divino Espírito Santo. Essas folias acontecem em comunidades vizinhas ao Café Sem Troco e englobam toda uma organização de pessoas do Café e da região. Acontecem na casa de pessoas que cedem o espaço de suas chácaras para fazer um encontro entre muitas pessoas da região do Café Sem Troco e pessoas vindas de outros lugares também.

É uma comemoração que tem como objetivo unir a fé das pessoas, com rezas e momentos de adoração com músicas voltadas ao Divino Espírito Santo. A maioria das pessoas que vem prestigiar esse momento vem em uma passeata feita a cavalo, como se fosse uma cavalgada. Tem também apresentações de grupos de catira, modas de viola com alguns tocadores da região, comidas típicas da estação do ano, como pamonha, bolos de milho, canjica, quentão para esquentar o frio, bolos de mandioca, maçã do amor, caldos de diversos sabores, e não pode faltar um jantar completo com muita comida boa, além de uma cervejinha que muitas pessoas gostam.

Após o momento de adoração, a folia segue até o dia amanhecer, com muito forró e fogueira. Essas folias acontecem sempre na região da Quebrada dos Neres, um lugar onde moram mais chacareiros e há casas mais afastadas umas das outras, fazendo, assim, com que o som não perturbe quem não goste do evento. A maioria das folias é organizada por amigos e

pessoas da mesma família, e a divulgação, muitas das vezes, é feita em folhetos distribuídos nos comércios de algumas regiões vizinhas ou até mesmo em redes sociais[4].

Como parte final desta contextualização do território da pesquisa e suas características sociais, econômicas e culturais, apresentaremos as comunidades adjacentes ao Café Sem Troco. O Núcleo Rural Quebradas dos Neres, acima mencionado, é uma região localizada na BR-251, uma rodovia que faz ligação com o Distrito Federal e Unaí-MG, próxima ao Rio São Bartolomeu, na zona rural do Paranoá-DF. É uma comunidade composta, desde o início, por fazendeiros e trabalhadores rurais, pessoas totalmente devotas ao Divino Espírito Santo. Por esse motivo, costuma-se comemorar e homenagear essa divindade com cavalgadas e folias nos meses de junho, julho e agosto. Recebeu esse nome por conta de uma família, que foi a primeira a residir na região, a família "Neris"[5].

Outras festividades culturais locais relevantes são as cavalgadas. Assim como as folias, as cavalgadas sempre são a união do Café Sem Troco com comunidades vizinhas. Geralmente, as cavalgadas têm a união do Núcleo Rural do Cariru, Capão Seco e o Café Sem Troco. Essas cavalgadas acontecem com uma grande passeata a cavalo e têm um local de partida e um local de pouso, ou seja, se ela se inicia no Café Sem Troco, pode terminar no Capão Seco ou no Núcleo Rural do Cariru.

A última cavalgada que teve no Café Sem Troco foi no mês de fevereiro, uma cavalgada em comemoração ao Carnaval, e ela teve início no Café Sem Troco até o Capão Seco. Além da passeata a cavalo, as cavalgadas nessa região têm um café da manhã e um almoço para as pessoas que estão em seus cavalos, além de apresentações de comitivas da região e de outras regiões. Na região do Café Sem Troco temos a comitiva do Grupo Barraca do Bagucho (GBB)[6], criada há pouco tempo, e é uma comitiva que sempre está presente nas cavalgadas, fazendo as apresentações de dança e participando da passeata a cavalo. Após a passeata, os cavaleiros, ao chegarem ao local de encontro marcado, ficam até o dia amanhecer com muita apresentação de dança, forró, comidas e bebidas à vontade. Geralmente, quem organiza essas cavalgadas são

[4] Divulgações de folias e atividades culturais estão disponíveis neste perfil da rede social Instagram, dentre outros: <https://www.instagram.com/cafesemtrocodf_leofreire/>. Acesso em 14 de julho de 2026.

[5] De acordo com o Projeto Político-Pedagógico da Escola Classe Quebrada dos Néris, escola do campo, publicado em 2023: <https://www.educacao.df.gov.br/documents/d/seedf/ppp_ec_quebrada_dos_neres_paranoa-2-pdf>. Acesso em 15 de julho de 2026.

[6] Disponível em: <https: www.instagram.com/comitiva_gbb>. Acesso em 15 de julho de 2026.

comércios da região e, por ser um evento de alto custo, muitos pedem ajuda para outros comércios para que possam ser patrocinadores do evento e, assim, organizar uma festa bonita e agradável a todos os presentes.

O Núcleo Rural Capão Seco é uma região localizada no Setor de Chácaras do Paranoá-DF, na divisa com o Café Sem Troco e a região do PAD-DF. É uma comunidade pequena, com cerca de 170 famílias na região, sendo ao todo 590 pessoas residindo no local, a maioria pequenos agricultores, trabalhadores e domésticos nas fazendas vizinhas da região do PAD-DF. É uma região com pouquíssimos comércios, tendo apenas o básico do básico, fazendo, assim, que a maioria dos habitantes se desloque para regiões próximas para poder comprar e ter acesso ao que não se tem nessa região[7].

O Núcleo Rural do Cariru, por sua vez, é uma pequena vila localizada no Setor de Chácaras do Paranoá, uma região localizada bem próxima ao Café Sem Troco e à comunidade do Capão Seco. Atualmente, não se sabe ao certo quantas famílias residem no local, porém são pouquíssimas pessoas, devido à região ser bem pequena. Mesmo sendo pequena, podemos notar que temos o básico: alguns barzinhos, mercearias pequenas, Escola Classe e uma UBS para atender a população[8].

Por fim, caracterizaremos brevemente o Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal (PAD-DF) e o evento AgroBrasília, que ocorre anualmente no local. O PAD-DF é uma região localizada no leste do DF, próxima à divisa do DF com Goiás, sendo uma área rural do Paranoá-DF. Contém uma ampla área de 61.000 hectares de terra desde 1977, uma região constituída por fazendas. O PAD-DF é muito conhecido por ser uma região do agronegócio, onde podemos ver muitas plantações extensas de milho, feijão, sorgo, soja, trigo, alho e cebola. É uma região em que se localiza também o CED PAD-DF, uma escola do campo de referência para muitos projetos no território, formações continuadas e que realiza eventos

[7] De acordo com o Projeto Político-Pedagógico da Escola Classe Capão Seco, escola do campo, publicado em 2021: <https://www.educacao.df.gov.br/documents/d/seedf/ppp_ec_capao_seco_paranoa-2-pdf>. Acesso em 15 de julho de 2026.

[8] De acordo com a Proposta Pedagógica da Escola Classe Cariru, escola do campo, publicada em 2020: <https://www.educacao.df.gov.br/documents/d/seedf/pp_ec_cariru_paranoa-2-pdf-1>. Acesso em 15 de julho de 2026.

como a Semana Camponesa, envolvendo comunidade escolar, comunidade local e convidadas e convidados externos[9].

A AgroBrasília é uma grande feira nacional e internacional de tecnologia e negócios, ofertada para muitos trabalhadores rurais de diversos portes. Uma feira conhecida como a grande feira do agronegócio, onde tem a venda de maquinários, implementos agrícolas, insumos, genética animal e também vegetal. Todos os anos temos esse evento na região do PAD-DF, realizado pela Cooperativa Agropecuária da Região do Distrito Federal (COOPA-DF). Nesse evento temos exposições de novas tecnologias voltadas para o agronegócio, debates, palestras e cursos com diversos pontos importantes para esse setor agrícola. Tem também vendas de maquinários, de animais e de sementes diversas para os plantios, principalmente sementes de girassol e de milho. É uma feira que acontece uma vez ao ano e, a cada ano, traz uma novidade diferente nesses diversos pontos citados acima.

Entrevistas com moradores do Café Sem Troco

Diego Oliveira Leite Da Silva

Tenho atualmente 25 anos de idade. Me mudei para o Café Sem Troco no ano de 2016, quando tinha 15 anos de idade, juntamente com meu pai, a minha avó paterna, meus dois tios, minha tia e meu avô paterno. Quando me mudei para cá, comecei a ajudar meus tios na mão de obra com a terra, preparando a terra para o plantio de tomate e pepino. A plantação era do meu primo Gustavo, que atualmente ainda é produtor rural. Na época, ele estava começando a mexer com plantações e plantava aqui próximo de casa, numa pequena chácara da mãe dele, mas, conforme foi se aperfeiçoando, foi para um espaço maior de terra e arrendou umas duas chácaras aqui próximo do Café Sem Troco, lá nas Quebradas dos Neris.

Além de ajudar ele nessa parte de preparo com a terra, eu me recordo que trabalhei, no ano de 2017, com um senhor conhecido como Adelaide, na colheita de batatas-doces e tomates.

---

[9] De acordo com o Projeto Político-Pedagógico do CED PAD-DF, escola do campo, publicado em 2019: <https://www.educacao.df.gov.br/documents/d/seedf/pp_ced_paddf_paranoa-2-pdf>. Acesso em 15 de julho de 2026.

Ele também é um dos produtores rurais aqui da região. Naquela época, também era pequeno produtor, porém, atualmente, é um dos principais produtores rurais aqui da região, onde arrendou várias terras aqui no Café Sem Troco e planta de tudo um pouco, principalmente o tomate e o pepino.

Não tinha filhos quando me mudei para a comunidade, porém foi aqui que conheci a minha esposa, que é a Aparecida, e atualmente temos dois filhos, o Calebe e a Aurora. Não tenho muita noção do desenvolvimento dessa região, mas, de 2016 para o ano de 2026, muita coisa se modificou. Muitas plantações aumentaram, tornando-se um meio de sobrevivência principal dessa região, além de terem aumentado alguns comércios locais que antigamente não tinham como farmácias, mercados e padarias.

Quando me mudei para cá, eu não trabalhava com nada, apenas era estudante, mas, durante o dia, eu ajudava meu primo no preparo com a terra, misturando adubo à terra. O principal adubo usado aqui na região é a cama de frango. Meu primo Gustavo me ensinou o preparo com a terra, onde devemos fazer a mistura da terra e do adubo, molhar bem e deixar mais ou menos umas duas semanas sem plantar e, logo após, plantar as mudinhas já crescidas do que se deseja colher futuramente.

Atualmente, não trabalho mais com plantação. Estou trabalhando na fábrica de ração conhecida como Alipam, cobrindo as faltas e férias de alguns funcionários. Trabalho como chapa no carregamento de caminhões de ração.

Falando em questão de cultura na região, já participei de uma cavalgada, uma que aconteceu no ano de 2024, porém não participei da passeata a cavalo, pois geralmente quem participa é quem tem cavalos e quem faz parte das comitivas. Mas não pude deixar de ir acompanhar as apresentações das comitivas no local da festa e sair um pouco para me divertir.

Das folias eu nunca participei, mas tenho vontade, me parece ser uma festividade bem interessante. Este ano participei foi da festinha junina na escolinha em que minha filha estuda. Eu acho algo importante porque é uma forma de unir a comunidade com o meio escolar em que a criança está inserida, tendo a troca de afetos e o conhecimento do ambiente escolar da criança. Eu nunca tinha ido à escola dela antes e achei muito interessante as apresentações das crianças juntamente com algumas professoras.

Minha filha estuda na comunidade aqui próximo, no Núcleo Rural do Capão Seco. É uma escola bem pequena, porém muito acolhedora com todos. Aqui em casa, os momentos de

refeição são tranquilos, vamos dizer assim, porém, devido à vida corrida do dia a dia, a gente se reúne mais para comer em família aos finais de semana, no sábado ou no domingo. Fazemos geralmente um almoço simples, e não pode faltar uma salada de tomate e pepino, por ter muito aqui na região. Os produtores rurais não ligam dos moradores locais pegarem para o consumo próprio, mesmo não sendo trabalhador da roça.

Observando sobre a região do PAD-DF receber muito mais incentivo do governo para os negócios agrícolas, eu acho um pouco que falta respeito. É como se o governo olhasse apenas as pessoas que podem e têm algo a mais a oferecer, devido a ser uma região do agronegócio. Quem conhece um pouco a região do PAD-DF sabe que se trata também muito de uma região de pessoas que são vindas do Sul do Brasil, ou seja, gaúchos, pessoas de um nível social mais elevado, sendo fazendeiros, professores e produtores rurais de um alto nível. Mas não devemos nos entristecer com isso, porque as coisas boas da vida vêm com luta, com esforço e dedicação.

A região do Café atualmente tem uma grande importância no meio de produção rural, tornando-se, ao meu ver, uma grande produtora de hortaliças que abastecem o CEASA. Já trabalhei algumas vezes no CEASA para meu primo Gustavo, no ano de 2021, descarregando caminhões de pepino e tomate e, aqui da região, pude notar muitos produtores, e dificilmente volta alguma caixa ou outra de verdura, vendendo tudo lá e a um preço muito bom, dependendo da estação do ano. Na época do calor, a caixa do tomate pode chegar a R$ 90,00. Na época da chuva, em torno de até R$ 150,00 a caixa de tomate.

Então, observando esse lado, a nossa produção tem, sim, uma grande importância na sociedade por conta do abastecimento desses produtos.

Sirlene de Andrade

Tenho atualmente 40 anos de idade. Me mudei para o Café Sem Troco no ano de 2001. Não tenho filhos. Me mudei com minha família e, quando chegamos à região, notei uma região de fazendas. A maioria das pessoas que vinha para a região era à procura de uma fonte de renda e sobrevivência. Uns sobreviveram do plantio na terra, outros da criação de animais, como granjas de galinhas e granjas de porcos, ou até mesmo frigoríficos.

A minha família sobreviveu do plantio na terra. Vimos muitas empresas do agro se desenvolverem e oferecer muitos empregos, entre elas, abatedouros e fábricas de produtos produzidos nas próprias fazendas. No princípio, quando mudamos, eu e minha família trabalhamos de caseiros em chácaras e, um tempo após, montamos um negócio próprio com plantio.

A respeito da cultura da região, na minha época em que me mudei para cá tinha grupos de capoeira, atualmente acredito que não se tem mais. Sempre tinha festa junina na comunidade, porém hoje em dia não acontece. Folias e cavalgadas sempre teve e nunca deixou de acontecer. É um grande marco cultural os encontros dos foliões e as cavalgadas.

Em questão do PAD-DF receber mais incentivo do que a comunidade do Café Sem Troco, eu penso que não temos uma certa união da população. Muitos já tentaram ser líderes e desistiram, então acredito que não somos desenvolvidos por falta de uma determinada liderança. O PAD-DF, por sua vez, tem empresários, políticos e muitos fazendeiros que se uniram e aproveitaram da melhor forma o cooperativismo. Por isso, não se compara ao Café Sem Troco, que sempre foi uma comunidade de baixa renda, com pouco conhecimento, sem estudo e sem auxílio do governo.

Capítulo 2 – À luz do lampião

Neste capítulo é apresentada a biografia do pintor holandês Vincent Van Gogh, com o objetivo de situar o leitor para melhor entendimento de sua obra artística com base em referências disponíveis online[10] (https://www.ebiografia.com/van_gogh/) e bibliográficas (Gogh, 2010). Após essa síntese da trajetória do autor de "Os Comedores de Batata" (1885), a autora estabelece o diálogo entre suas perceções sobre a obra de Van Gogh e a realidade sociocultural do Café Sem Troco.

Vincent van Gogh nasceu em Groot-Zundert, uma aldeia holandesa, no dia 30 de março de 1853, filho de um pastor calvinista e o primogênito de seis filhos. O pintor gostava de ler histórias sobre os oprimidos, e isso pode ter despertado seu interesse pelo sofrimento e pelas injustiças sociais.

Quando completou 16 anos de idade, foi para Haia, onde iria trabalhar com seu tio em uma filial da Goupil & Cie, uma empresa francesa importantíssima que comercializava livros e obras de arte. Após três anos trabalhando com seu tio, Vincent falou sobre um grande interesse em viajar e conhecer o mundo. Então, viajou para Bruxelas e ficou dois anos. Logo após, foi para Londres, tudo isso a serviço da Galeria.

No ano de 1875, Van Gogh conheceu Paris, realizando seu sonho de conhecer esse país. Em abril de 1876, Vincent foi demitido do grupo Goupil.

Aos 22 anos de idade, Vincent van Gogh tinha muitas decepções, frustrações e nenhum plano para o seu futuro. Acabou voltando para a casa de sua família em Etten, porém a relação familiar era bem complicada, e o único que o compreendia e apoiava era Theo, seu irmão mais novo.

Viajou para a Reino Unido aceitando um cargo de professor de francês e alemão em uma escola primária, mas não permaneceu muito tempo e logo foi dispensado pela escola. Voltando para a Países Baixos, ele acabou se tornando uma pessoa depressiva e, com isso, sofria muitas crises nervosas, passando períodos de solidão.

[10] https://www.ebiografia.com/van_gogh/. Acesso em 10 de fevereiro de 2026.

No ano de 1877, arrumou um emprego em uma livraria em Dordrecht. Vincent decidiu seguir o mesmo caminho de seu pai e, com isso, ingressou no Seminário Teológico da Universidade de Amsterdã, porém foi reprovado por falta de base. Logo após, fez parte do curso trimestral da Escola Evangélica em Bruxelas.

A pedido de seu pai, Vincent conseguiu um lugar como pregador missionário nas minas de carvão de Borinage. Van Gogh começou a trabalhar nessas minas nas mesmas condições sociais que os trabalhadores do local, ao invés de orientá-los e instruí-los como um pastor. Ele tinha uma enorme preocupação com os doentes e, com isso, pregava pouco, fato que acabou trazendo inquietações aos seus superiores, fazendo com que fosse afastado e demitido no ano de 1879.

Em 1880, no mês de outubro, Vincent van Gogh foi para Bruxelas e, usando o dinheiro que seu irmão lhe mandava, começou a estudar anatomia e perspectiva. Foi nesse período que despertou seu interesse pela pintura, dizendo que seria um pintor, e assim passava o dia todo desenhando.

No ano seguinte, em 1881, mudou-se para Haia, onde recebeu o acolhimento do pintor Anton Mauve. Em suas pinturas, costumava fazer aquarelas nas quais apareciam marinheiros, pescadores e camponeses. Van Gogh gostava de pintar pessoas vivas e ativas, e costumava intrigar-se com os personagens de pinturas clássicas, “gente que não trabalha”.

Em uma de suas cartas ao irmão, ele relatou: “Eu não quero pintar quadros, eu quero pintar a vida”. Com isso, produziu muitos desenhos e pinturas a óleo.

Na mesma época, andando pelas ruas, Vincent van Gogh viu uma mulher grávida que vivia nas ruas com um filho pequeno. Conhecida como Sien, era uma prostituta que havia sido abandonada pelo pai de seu filho. Vincent então acolheu a jovem mulher e seu filho, porém Theo, seu irmão mais novo, não foi muito a favor dessa união.

Em uma carta, Van Gogh escreveu: “Não quero que ela se sinta abandonada e sozinha mais uma vez. Eu sinto um amor terno por ela e abraço seus filhos”. Eles ficaram juntos por volta de 18 meses. Logo após a separação, Vincent retornou para a casa de seus pais e ficava lendo e pintando durante dias.

Em 1885, no mês de março, o pai de Vincent van Gogh faleceu. No mesmo ano, no mês de abril, Van Gogh pintou o quadro Os Comedores de Batata, pintura essa que se

caracteriza por tonalidades escuras. Ele relata que: “Poderíamos dizer que se trata de uma verdadeira pintura de camponeses. Eu sei que é”.

Essa tela faz parte de uma fase em que ele estava se aperfeiçoando e adquirindo técnicas de claro-escuro. Nesse quadro, podemos notar uma influência do pintor francês Jean-François Millet, artista do realismo que Van Gogh admirava muito.

No final do ano de 1885, Van Gogh foi para Antuérpia e lá iniciou os estudos na academia local, ficando encantado pelas cores e descobrindo a pintura japonesa.

No mês de fevereiro, seu irmão Theo o acolheu em Paris. Foi uma época muito boa para o pintor, porque marcou uma fase mais sociável. Apoiado pelos impressionistas Claude Monet, Auguste Renoir e Camille Pissarro, logo se tornou amigo de Paul Gauguin.

Vincent van Gogh iniciou um estilo próprio graças às influências de artistas impressionistas e à admiração pela arte oriental. Observando isso, Vincent pegou de cada artista alguma forma ou característica para inserir em suas telas, sendo elas pinceladas separadas e cores fortes e definidas.

Em cerca de dois anos, Van Gogh conseguiu pintar aproximadamente 200 quadros. Dentre eles, o artista pintou Autorretrato (1887) e Retrato de Père Tanguy (1887-1888). Tanguy foi um comerciante de materiais artísticos, e Van Gogh costumava fazer, por várias vezes, retratos desse senhor.

No ano de 1888, o artista já se encontrava com sua saúde debilitada. Henri de Toulouse-Lautrec incentivou Van Gogh a ir para o campo e, no mês de fevereiro, Vincent viajou para Arles.

Nesse mesmo ano, o pintor produziu algumas de suas telas mais importantes, realizando cerca de 100 quadros, dentre eles Vista de Arles com Lírios (1888), Girassóis (1888) e Quarto em Arles (1888). Nessas obras, o artista buscou valorizar bastante o tom amarelo.

Nesse mesmo período, Paul Gauguin, a pedido do irmão mais novo de Van Gogh, foi morar no campo para fazer companhia ao artista. Porém, a personalidade de Gauguin não combinava muito com a de Van Gogh, fazendo com que eles sempre acabassem discutindo.

Van Gogh, com seu temperamento alterado e mudanças constantes de humor, acabava muitas vezes discutindo e agredindo o amigo. Em uma dessas discussões, Vincent acabou tentando machucar Gauguin com uma navalha. Eles tiveram uma luta corporal, porém Vincent

não conseguiu ferir o companheiro. Após isso, correu para o seu quarto e, em sua cama, chorou muito. Logo depois, em um momento de fúria, acabou cortando um pedaço de sua própria orelha e o mandou em um envelope para Gauguin.

Após esse fato, ele foi levado para o hospital psiquiátrico Saint-Paul-de-Mausole. Passados dez dias, voltou para casa e pintou Autorretrato com a Orelha Cortada (1888).

No ano de 1889, Vincent van Gogh pediu a Theo que o internasse no hospital de Saint-Paul-de-Mausole. Vincent transformou o quarto em que dormia em um ateliê. Com mais de 200 quadros e vários desenhos, foi em meio a esse cenário que ele pintou uma de suas obras mais aclamadas, A Noite Estrelada (1889).

Após uma visita do pintor Paul Signac à casa de Theo, o artista levou amigos para admirar as obras de Van Gogh. Pouco tempo depois, o jornal Mercure de France fez muitos elogios ao artista e, com isso, foi organizada uma exposição na Bruxelas. Porém, o pintor vendeu somente a tela A Vinha Vermelha (1888), única obra que Vincent vendeu em vida.

No ano de 1890, deixou Saint-Rémy no mês de maio e foi para Auvers-sur-Oise, onde passou a ser cuidado pelo doutor Paul Gachet. Após ser examinado, recebeu o diagnóstico de que sua situação era muito grave. Em meio a essa situação, nesse mesmo período Van Gogh pintou mais de 200 desenhos e 40 quadros, sendo alguns deles Campo de Trigo com Corvos (1890) e A Igreja em Auvers (1890).

No dia 27 de julho de 1890 em Auvers na França, Vincent teria saído para o campo de trigo com um revólver em sua mão e teria dado um tiro no seu próprio peito. O filho do Doutor Gachet o socorreu, porém no dia 29 Van Gogh morreu segurando a mão de Théo. Antes de morrer o pintor teria dito a seguinte frase “A miséria não tem fim”. No sotão da Galeria Goupil em Paris havia mais de 700 quadros, porém sua fama e talento só foi reconhecida após morrer. A história de Vincent van Gogh está registrada em suas 750 cartas que escreveu para seu irmão Theo. Após seis meses de sua morte, Theo faleceu e foi sepultado ao lado de Van Gogh no Cemitério de Auvers-sur-Oise.

Suas obras ficaram com a viúva de Theo, Johanna van Gogh-Bonger, porém sem nenhum valor no mercado. Após a morte de Johanna, o filho de Theo, Vincent Willem van Gogh (1890–1978), começou a administrar as telas do artista. No ano de 1973, recebendo apoio dos Países Baixos, foi criado o Museu Van Gogh, onde se localiza a maioria de suas obras.

Aproximações entre memórias da autora, a obra "Os Comedores de Batata" e a vida no Café Sem Troco

Observando as cores e os tons na composição do quadro, podemos chegar à conclusão de que o pintor buscava retratar a realidade do povo camponês no seu dia a dia, seja ele na labuta durante o dia quanto em seus compartilhamentos e encontros em família. Na obra, pode-se notar uma família reunida para o jantar à luz de um lampião. Os tons terrosos da obra retratam nada mais, nada menos do que a dura realidade de um camponês, ao manusear a terra com a mão de obra o dia inteiro, preparando a terra para o plantio, regando suas lavouras ou até mesmo na colheita de suas hortaliças, frutos e verduras. A luz da lamparina é de um tom amarelado, e o pintor busca retratar dessa forma para que possamos ter uma noção de uma vida simples, ou seja, a luz de um lampião e não algo chique e cheio de mordomia. Porém, ao meu ver, essa luz pode retratar algo bonito, quando uma simples luz pode clarear a vida das pessoas de alguma forma.

Aqui é necessário me colocar em primeira pessoa novamente, como em "Minhas Memórias" para expressar minha leitura sobre a obra "Os Comedores de Batata". Me recordo que, quando era pequena, minha avó gostava muito de usar as luzes de lampião e não a luz comum que usamos hoje. Era até engraçado porque, no dia seguinte, todos nós ficávamos com o nariz por dentro todo preto por conta da fumacinha que soltava o candeeiro. Se a gente questionava ela, era briga na certa, o que hoje vejo com bom humor. A cultura dela foi assim: viver de modo simples, à luz de velas e de lamparinas, preparando a terra para o plantio e o sustento de todos os seus filhos.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso eu busco trazer a realidade camponesa, não somente a parte sofrida, a qual muitos pintores retratam em suas obras. A comunidade do Café Sem Troco é, sim, uma comunidade carente em alguns aspectos, igual foi citado acima, porém a vida no campo e na roça tem suas vantagens, tem, sim, algo bom para viver e se aproveitar.

Embora não tenhamos uma liderança bem formal para que possa nos representar e lutar pela nossa comunidade em busca de melhorias em ambas as questões, a comunidade é, em ênfase, bem desenvolvida em alguns aspectos.

Observando esses últimos meses alguns donos de plantações (produtores rurais), eu notei que são pessoas simples, porém vivem bem, têm uma vida social boa em questão de se autoajudar e ajudar os demais da redondeza. Ou seja, muitos desses produtores rurais dão oportunidade de emprego para famílias carentes, e essas famílias, assim como os próprios produtores rurais, além de tirar, de forma formal, em dinheiro, os seus sustentos, ainda podem saborear as plantações. Assim como retrata a obra de Vincent Van Gogh, uma família reunida saboreando uma tigela de batatas, tigela essa que possivelmente foi fruto de suas colheitas, fazendo ser até uma conquista para eles.

Ressignificando o cenário de luta e de dor em que o camponês é sempre colocado, podemos sorrir e dizer que o campo é um lugar bom, é um lugar bonito, é um lugar propício para coisas maravilhosas, e quem vive sabe disso. Lutas sempre vamos ter, porque tudo o que temos conquistado, embora seja na cidade ou no campo, foi e sempre vai ser através da luta que buscamos enfrentar para melhorias. Porém, precisamos quebrar esse tabu de "coitadinhos" e, sim, lembrar que somos "mais que vencedores" todos os dias em nossas vidas.

Acordar todos os dias com o cantar do galo, colher nos ninhos das galinhas os ovinhos é algo satisfatório. Toda e qualquer produção é algo glorioso de se viver, sentir o cheiro do mato, e, quando é dia de chuva, então vem aquele aroma de terra molhada, é maravilhoso. Até os tempos quentes no campo são diferentes, as árvores sempre com sombras frescas para nos refrescar, os cantos dos pássaros pela manhã e, ao entardecer, à noite canta a coruja, meio assombroso, mas faz parte da vida em que vivemos no campo.

Observando a parte escolar, para as nossas crianças, todas as escolas do campo buscam incentivar os alunos a se apegarem à parte de manusear a terra, ou seja, muitas escolas têm em seus projetos, no PPP da escola, as hortas escolares, onde os alunos aprendem a preparar a terra, a plantar, a regar os plantios, quanto tempo de germinação e o tempo de colheita de cada determinado alimento. E isso não é somente para que venham ser crianças que, num futuro, venham viver daquilo, mas crianças que aprendam a valorizar os serviços de seus familiares.

Me recordo que, mês passado, minha filha Aurora trouxe da escola dois pés de alface. Eu tomei um susto, pensei: "Uai, onde ela achou esses pés de alface?" Porém, a professora disse que toda semana, uma vez por semana, as crianças vão até a horta e aprendem algo diferente. E, quando se tem muita colheita, cada uma leva um ou dois pezinhos de alface para casa.

Em momentos como esse, vejo que as histórias se conectam. Memórias que a leitura da obra “Os Comedores de Batata” me trazem, com a história de vida de meus pequenos e a minha própria história de vida. Comecei o curso da Ledoc no primeiro semestre de 2018. Fui apresentada a esse vestibular pela minha tia Raimunda, que teve conhecimento do curso com uma professora dela no EJA, na Escola Classe Café Sem Troco. Essa professora se chama Tânia e é pedagoga. Além de apresentar o curso para suas alunas, ela me doou uns livros em que eu pude estudar para o vestibular e ter noções básicas de como passar em um vestibular.

Quando iniciei o curso, eu tinha 20 anos de idade, não tinha filhos e namorava um rapaz. Atualmente estou com 29 anos de idade, tive dois filhos, uma menina e um menino, e estou casada há quase 10 anos com o pai dos meus filhos, que é o mesmo rapaz com quem eu namorava quando entrei na faculdade.

A LEdoC mudou muito o meu olhar em relação à minha comunidade, em questões do conhecimento da comunidade em si, ou seja, eu aprendi a pesquisar mais sobre a região em que vivemos, a população em vários aspectos, sendo eles sociais e culturais. Despertou a curiosidade de conhecer até sobre o que motivou a tal comunidade ter aquele determinado nome.

Atualmente tenho uma visão completamente diferente da região onde eu moro. Antes, eu confesso que era louca para me mudar, morar na cidade, viver de forma urbana. Até me mudei por um período, por conta de alguns problemas pessoais, porém nada se compara à vida no campo. A paz e a tranquilidade, uma vida mais saudável, uma vida melhor, podemos dizer assim.

Considerações finais

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, pode-se perceber que a realidade sociocultural da comunidade do Café Sem Troco em diálogo com a obra de Vincent Van Gogh "Os Comedores de Batata", revela uma comunidade rica, em vários aspectos, igualmente à obra, ou seja, uma comunidade que reflete muito a vida no campo, pessoas que plantam e colhem para seus sustentos e de suas famílias, tanto em vendas como em consumos próprios.

Na obra de Vincent Van Gogh não é diferente, onde podemos notar camponeses sentados à mesa, saboreando uma deliciosa tigela de batatas cozidas à luz de um lampião, uma cena humilde, porém cheia de valor cultural.

As entrevistas realizadas com pessoas que residem e residiram na comunidade são um fator importante para que possamos ter uma noção da diferença da forma de ver a comunidade como um todo. Ou seja, minha tia Sirlene, que deu a segunda entrevista, não mora atualmente na comunidade, se mudou há alguns anos e reside em São Sebastião, uma cidade próxima à região do Café Sem Troco. Já o Diego, que veio morar na comunidade há menos tempo que minha tia, ainda reside aqui.

Observando a forma em que cada um coloca a comunidade, podemos ver que ambos pensam sobre a comunidade de forma diferente. Minha tia Sirlene descreve uma comunidade carente, porém por falta de uma determinada liderança que falta na região. Já o Diego diz que, olhando para o meio de produção dos produtores rurais, podemos nos orgulhar da comunidade por ser um setor de grande importância no abastecimento de frutas, verduras e hortaliças, embora desigual no acesso à recursos, subsídios, em relação ao agronegócio situado perto da comunidade.

Embora ambos pensem de forma diferente, ao meu ver tudo está em constante movimento e não há nada de tão ruim que não possa melhorar. A comunidade já foi bem mais carente, quando não tínhamos escola, transporte público de qualidade, postos de saúde e alguns comércios que são necessários (farmácias, mercados e padarias).

A obra “Os Comedores de Batata” tem uma grande importância em relação à comunidade do Café Sem Troco quando se trata de buscar retratar a vida do camponês, ou seja, na obra podemos notar pessoas humildes à luz de um lampião se alimentando em volta de uma

mesa, possivelmente estão comendo produtos de sua colheita. Na mesa podemos notar batatas cozidas em uma tigela. Além disso, as pessoas têm uma aparência física de pessoas desgastadas da vida no campo, mãos grossas de trabalhar com a terra e uma expressão de cansaço. Retratando, assim, uma vida de forma simples e humilde, a comunidade por si retrata a mesma coisa. Na região, a grande maioria da população são produtores rurais, que vivem e se alimentam do que plantam e colhem, e, observando seus aspectos físicos, podemos, sim, notar pessoas de pele desgastada pelo sol, mãos grossas e roupas humildes.

Como aprendizado pessoal, o TCC me trouxe a importância de observar tudo ao meu redor, observar as partes boas e as partes ruins. Poder filtrar para mim coisas boas em meio ao caos, ou seja, muitos olham a vida no campo como uma vida amargurada, por serem pessoas possivelmente sofridas com a labuta da vida na terra, mas não. Se você for observar bem de perto ou até mesmo for conversar com algumas delas, elas não sabem viver de outra forma. Gostam do que fazem, gostam da forma como vivem e se mantêm, e aos seus. Em relação ao diálogo com as artes, podemos notar a grande beleza com que a comunidade prepara as festas de folia. Eu não tinha esse conhecimento até ter pesquisado a fundo e visto como é bonito, desde os preparativos até o acontecimento do evento. A cultura é algo que agrega muito à união das pessoas e chega até a ser uma arte linda, cheia de cores, danças, músicas e alegria.

REFERÊNCIAS

BÍLIO, Pedro Henrique Félix. **Autorizações de Supressão Vegetal devido o avanço de usinas fotovoltaicas nas áreas rurais na região do Café Sem Troco – Paranoá – Distrito Federal.** 2020. 85 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Florestal)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

DANTAS, Jadiana de Paiva. **Programa de incentivo à leitura Arca das Letras:** estudo de caso da comunidade rural Café sem Troco -DF. 2011. [83] f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

FUKS, Rebeca.**15 principais obras de Van Gogh** (com explicação). Cultura Genial. Disponível em <https://www.culturagenial.com/van-gogh-obras-biografia/>
GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GOGH, Vincent van. **Cartas a Théo.** Porto Alegre: L & PM, 2010. 461 p. (Coleção L&PM Pocket ; 21)

GOMBRICH, E. H. **A história da arte.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

HAUSER, A. **História social da literatura e da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
IMBROISI, Margaret. **Os Comedores de Batata, Vincent Van Gogh.** História das Artes. Dia 26/12/2016. Disponível em <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/os-comedores-de-batatas-vincent-van-gogh/>

SILVA, Marco Antonio Baratto Ribeiro da. **Questão Agrária e Luta pela Terra**: a consolidação dos assentamentos de Reforma Agrária do MST no Distrito Federal e Entorno. UnB, tese de doutorado: 2017.

TIZZO, Laura. **Por que isso é assim**: de onde vem o nome da comunidade Café Sem Troco, no DF. G1. Dia 26/02/2019 às 14h33. Disponível em <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/02/26/por-que-isso-e-assim-de-onde-vem-o-nome-da-comunidade-cafe-sem-troco-no-df.ghtml>

https://www.ebiografia.com/van_gogh/

https://www.educacao.df.gov.br/documents/d/seedf/ppp_ec_capao_seco_paranoa-2-pdf

https://www.educacao.df.gov.br/documents/d/seedf/ppp_ec_quebrada_dos_neres_paranoa-2-pdf

https://www.instagram.com/cafesemtrocodf_leofreire/

https://www.youtube.com/watch?v=wF4s2nmnDy0

https://atlas.ipe.df.gov.br/?cat=163

https://pt.wikiloc.com/trilhas-mountain-bike/cafe-sem-troco-15032121